

programação da cinubiteca

www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

16 | novembro | 04

ciclo { décadas do cinema }*



sunset boulevard o crepúsculo dos deuses

1950 . EUA . 106'

realização

Billy Wilder

argumento

Charles Brackett

Billy Wilder

D.M. Marshman Jr.

fotografia

John F. Seitz

música

Franz Waxman

montagem

Arthur Schmidt

intérpretes

William Holden

Gloria Swanson

Erich Von Stroheim

Nancy Olson

> Numa leitura mais ligeira, parece-nos uma história sobre a ascensão e a queda, sobre o estrelato e a decadência. E, na realidade, "Sunset Boulevard" é um filme sobre tudo isso. Sobre a grandeza e a ruína, sobre o enlevo do sucesso e a contundência do esquecimento. É um filme de amargura e crueldade. Da compaixão, por outro lado, encontramos discretos indícios, somente.

Mas é sobretudo um filme sobre o cinema – melhor dito, talvez, um filme sobre a instabilidade ontológica das imagens, e de imagens de qualquer género. A não ser assim, como poderemos entender o espaço de existência da personagem Norma Desmond? Que laços estabelece ela com a realidade? E que realidade é a dela? Quando, na cena final, a ouvimos dizer: "This is my life. It always will be. There's nothing else. Just us, and the cameras, and those wonderful people out there in the dark!", é para uma espécie de limbo que ela nos convoca, para um lugar de transição entre níveis de realidade. Para Norma Desmond, nada mais há que o cinema, do que esse espaço de transfiguração das identidades, dos corpos, das imagens. Toda a sua figura, os seus gestos, olhares, não são daquele mundo de actualidades, crime, acidentes. São de um tempo e um espaço impalpável, interior, eterno: uma ponte que liga passado e futuro, sem a contingência do presente. É um outro filme que decorre: a vida interior de Norma Desmond, talvez intocável, insondável, imponderável, a não ser por essa espécie de portal virtual que é a presença de Max.

Se a demência se afigura como um rótulo tentador, tal acontece simplesmente na medida dessa inacessibilidade interior. Mas a demência, como a ilusão, é sempre uma perspectiva, uma forma de enquadrar sujeitos, objectos, acontecimentos. De categorizar, de padronizar. Nós, os espectadores, essas maravilhosas pessoas no escuro, colocamo-nos também, enquanto tal, num certo ponto de vista. Em toda a imersão no espectáculo cinematográfico é um pouco de demência que assoma, de ilusão. Não há um olhar inocente, como nos tem ensinado a história da representação no Ocidente. Toda a percepção comporta uma certa textura intelectual, uma certa hierarquia dos dados, uma polaridade de alheamento e sedução. Enquanto espectadores comungamos de algo também insondável, imponderável: o peso, a espessura do corpo desaparecem, a consciência opera, é certo, mas enredada em novas dimensões.

É claro que nos ancoramos de alguma forma numa dada figura ou valor da verdade. Podemos distanciar-nos, quebrar a ilusão, reconduzir-nos ao presente, procurar a objectividade, analisar, reflectir. É uma outra forma de ver os filmes. No caso de "Sunset Boulevard", podemos embrenhar-nos com Norma Desmond no seu mundo de fantasmas, memórias, crenças, alienações. Ou podemos distanciar-nos, ver o filme como uma crónica de espelhos e reflexos acerca da máquina industrial cinematográfica. Ainda assim, todo o filme nos coloca inevitavelmente a meio caminho entre a ficção e a realidade, entre o fingimento e a sinceridade. Os plateaus, os produtores, as histórias,

as figuras históricas, tudo nos convoca para esse limiar onde forjam os sonhos, os mundos possíveis, os heróis e vilões. Também podemos pensar nos jogos de faz-de-conta que vão dando materialidade ao romance entre Betty e Joe – e poderíamos dizer que se algo como o amor, essa matéria, gesto, conceito tantas e tantas vezes representado, em pinturas, esculturas, filmes, poemas, melodias, pode ser, por milagre, reificado, ele encontra aqui um dos seus grandes momentos: em cenários de fachada, em diálogos emprestados, em pedaços de história recortados. E no final: efémero, impossível, inadequado.

Mas "Sunset Boulevard" não seria um momento fundamental da história cinema americano sem a viragem do discurso para o próprio cinema. Trata-se de um filme sobre dois regimes de representação, seus meios, matérias, mensagens. Cinema antes e depois do som. Ou melhor, cinema antes e depois da oralidade. Podemos sempre imaginar uma história alternativa do cinema, aquela onde o som sincronizado não veio contagiar as imagens, os gestos, os olhares. Um cinema que não quer ser ouvido. Um cinema de rostos e não de vozes. Um cinema de máscaras, mais do que de verbalizações. É possível ponderar outras estéticas, outras gramáticas.

Mas não podemos esquecer: imagens e palavras remetem-se inevitavelmente. Sabemo-lo desde há muito: cada código convoca o outro. Se as palavras transportaram grande contributo para a narrativa cinematográfica, ainda que não sejam condição necessária daquela, não conseguimos deixar de partilhar a censura e o desalento de Norma quando diz: "words! words! words!". E, contudo, não estamos no cinema para ver, não estamos para ouvir. Estamos para ver e ouvir. Que as palavras possam cansar, as imagens também o podem fazer. Em "Sunset Boulevard" não há cansaço, como não pode haver em qualquer grande obra. Porque está lá tudo e tudo é apenas o que é importante: narrativa sólida, realização justa, actores inatacáveis, diálogos elegantes.

Num inventário dos vectores de força do filme é inevitável destacar a personagem de Norma Desmond, o centro deste universo paralelo. Ou a voz de um narrador-cadáver a convidar-nos e a guiar-nos nele. O trabalho de composição de Gloria Swanson, feito de gestos e olhares que dispensariam a palavra. A forma como o tempo se faz matéria nos cenários. A precisão de cada plano ou movimento de câmara. E a inigualável cena final, o momento em que tudo se metamorfoseia: em que Norma Desmond dá o último passo para um mundo só seu (a escada para o palácio dos sonhos), em que Max cumpre a derradeira tarefa enquanto auto-incumbido demiurgo (ele que a tinha feito estrela e perpetuado a ilusão da fama, registará a sua partida), em que a verdade da personagem se torna mais cristalina para o espectador (ali, frente à câmara, frente ao espectador, no momento em que a imagem se torna difusa). "All right, Mr. De Mille, I'm ready for my close-up!", diz Norma: nunca estivéramos tão perto da personagem como nesse instante em que ela nos abandona e se encontra a si mesma. <

exibição

16 | novembro | 04

18h00

cinubiteca

{anf.1}